

**A QUALIDADE DO ENSINO NA EDUCAÇÃO SUPERIOR**

**THE QUALITY OF TEACHING IN HIGHER EDUCATION**

Acir Mário Karwoski<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Graduação de Licenciatura em Letras - Português e Inglês pela Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras (FAFIUV) de União da Vitória - PR. Mestrado em Linguística Aplicada pela Universidade de Taubaté (UNITAU) e Doutorado em Letras - Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Pesquisador do LABELFE - Laboratório de Ensino de Leitura, Fala e Escrita (UFTM). Membro da Academia de Letras do Vale do Iguaçu (ALVI).

## RESUMO

Neste artigo, primeiramente faço uma reflexão a respeito dos desafios da educação superior brasileira no século XXI diante de dois perfis de Instituição de Educação Superior (IES): tradicional e inovadora; a seguir, discuto duas metodologias de ensino atualmente desenvolvidas em algumas universidades estrangeiras; e, finalmente, apresento contribuições para a melhoria da qualidade das aulas.

**Palavras-chave:** Ensino. Aprendizagem. Educação Superior. Qualidade. Aula.

## ABSTRACT

In this article, firstly I make a reflection about the challenges of brazilian higher education in the XXI century before two profiles: traditional and innovative institutions; then, I discuss two teaching methodologies currently developed in some foreign universities; and finally, I present contributions to improve lessons in Higher Education Institutions.

**Keywords:** Teaching. Learning. Higher Education. Quality. Class.

Um grande desafio que as Instituições de Educação Superior (doravante IES, sem distinção neste ensaio entre faculdade, centro universitário ou universidade) devem enfrentar e vencer é a tendência mercadológica e o amadorismo didático-pedagógico. A mercantilização da educação é assunto polêmico amplamente debatido no contexto educacional brasileiro. Assim, não vejo razão para voltar a tratar do assunto neste ensaio.

Pretendo abordar a questão do amadorismo didático-pedagógico que ocorre em algumas IES e ressaltar que todo trabalho educativo tem de ter produtos, resultados, gerar impactos significativos para a sociedade em todas as áreas do conhecimento. Assim, a IES tem de produzir; trazer resultados para a sociedade. Não apenas ser *locus* de concessão de diplomas. Exige-se algo a mais da IES: envolver seres humanos buscando objetivos por meio do esforço coletivo físico e intelectual, formalizado pelos desejos mútuos da IES, seus atores e o perfil do egresso.

IES do senso comum preocupa-se em transmitir conhecimentos, dar aulas, fazer provas, exigir decorebas, conceder diplomas... Ainda há docentes que ostentam perfil de ensinar para quantos e quais estudantes desejarem; ou ensinar apenas o conteúdo que desejam e como querem, sem reflexão acerca do processo de ensino e dos resultados que atendam a formação do profissional. Esse professor, mesmo sem saber, pratica um paradoxo: buscar no passado um conjunto de conhecimentos acumulados historicamente nas enciclopédias; selecionar os conteúdos; e explanar uma visão unilateral desses conhecimentos, tal como relata Huston (2009). Afinal, a versão do professor é uma das demais visões e versões possíveis diante dos diversos conhecimentos disponíveis na humanidade e armazenados em vários lugares como livros, enciclopédias e, atualmente, na *internet*.

Há também estudantes que apenas buscam diploma, praticam a decoreba, usam o artifício da cola ou do plágio; ou simplesmente ficam dependentes da facilitação do professor. Lamento que alguns estudantes se exibam afirmando que passaram por uma IES sem ter lido um livro sequer! Nas IES com estudantes convictos de uma formação de qualidade não deveria existir facilitação!

Por outro lado, o perfil de IES inovadora prima pelo conceito de educação no sentido humanizador, que defendo neste ensaio; humanizar significa levar em conta a transcendência da natureza humana. O que torna o ser mais humano é a possibilidade de domínio ético em

pensamento e ações; condições e oportunidades para criar valores; ocasiões para pronunciar-se criticamente diante de um mundo real e suas infinitas necessidades de desenvolvimento econômico e as exigências da empregabilidade. Esse perfil de IES e esse sentido de educação precisam ser implantados e valorizados no contexto da Educação Superior.

O trabalho da IES consiste em realizar ações humanas visando a buscar resultados, criar valores, fazer história. O ser humano é, por essência, um ser criado para produzir valores; portanto, um ser humano histórico.

O objeto da educação é um trabalho com o ser humano nunca singular, essencialmente histórico, porque constrói a cultura que passa por tradição de geração a geração. O conhecimento, dessa maneira, apropria-se de culturas e conhecimentos das gerações anteriores, preparando um futuro nos acontecimentos, nas interações do presente. Toda aula é um acontecimento jamais repetível enunciativamente (GERALDI, 2010). O ser é humano porque se apropria das culturas dos outros, da experiência registrada na história e a (re)cria para o progresso da humanidade. A principal missão da IES – formada pelo corpo docente, discente e administrativo – é, nesse sentido, produzir história pelo trabalho coletivo de interação de seres humanos e suas diversas culturas. Como, então, é possível fazer educação com esse sentido, o sentido humanizador?

Se existe trabalho coletivo há interação histórico-social de sujeitos diferentes reunidos num mesmo local: a sala de aula; física ou virtual. Numa visão mais ampla, no contexto da IES deve existir um objeto de trabalho a receber atenção especial: aquilo que se transforma e é incorporado no trabalho da educação transforma-se no produto da IES, que é preparar para a sociedade um ser humano educado. Portanto, o principal objeto da IES é o estudante e seu sincero desejo de querer ser educado e educar-se.

O objetivo da Educação Superior é formar um sujeito social, educado, preparado ética e habilidosamente para o exercício de uma profissão. Estudante é, por essência, um ser sujeito de vontades; aprende se quiser! IES, professor, estudantes, espaço físico, enfim, tudo deve levar o sujeito a querer aprender! Professor também aprende! As IES pautam suas ações, por intermédio dos professores e estudantes, em práticas significativas de ensino que conduzirão à aprendizagem e à construção de conhecimentos. Também *mister* se faz associar o ensino à investigação científica com rigorosa metodologia e, por extensão, levar os conhecimentos para o contexto

social, *locus* favorecido pela evolução da ciência e do desenvolvimento humano. Todos nascem para querer aprender. Aliados ao conhecimento científico vêm: a cultura para ser valorizada; a política para ser vivida coletivamente; e os valores humanos que às vezes fazem falta para a sociedade atual.

Muitas IES ainda não conseguem ensinar de forma efetiva os conceitos básicos de civilidade! Não existe ensino se não houver aprendizagem! Então, para que serve uma IES? Como é possível para a IES formar cidadãos plenos para o exercício profissional e o convívio social civilizado sem que haja aprendizagem?

A seguir, relatarei duas experiências de ensino que estão “revolucionando” algumas IES mundo afora, pois visam possibilitar maior autonomia intelectual ao estudante e utilizam-se de metodologias ativas de aprendizagem, cumprindo, dessa maneira, aquilo que defendo como educação humanizadora.

## **EXPERIÊNCIAS INOVADORAS DE ENSINO E DE APRENDIZAGEM**

A primeira experiência que apresento chama-se *Peer Instruction* (doravante PI), método proposto e amplamente desenvolvido por Eric Mazur, que integra o corpo docente da Universidade de Harvard – Cambridge – MA, Estados Unidos. No âmbito da educação, Mazur destaca-se com o livro “*Peer instruction: a user’s manual*”, que versa sobre como ensinar de forma inovadora e desafiadora.

Se as IES permanecem iguais às do século passado, como focar a atenção de muitos estudantes com perfis diferentes ao mesmo tempo? Educação não pode ser apenas exposição de informações ou transmissão de informações. Isso, as redes sociais, a *internet* ou a mídia fazem muito bem! Há algo a mais na educação que a simples transmissão de informações.

Segundo Mazur, a informação precisa ser assimilada pelo estudante para que daí ele extraia conhecimentos e a aplique a novos contextos, novas maneiras de ser; informação aliada à prática. O problema deixa de ser problema numa aula de cálculo, por exemplo, quando o estudante encontra razão para resolver de forma autônoma esse problema, assimilando a

informação e conectando-a com a experiência, aplicando-a a novos contextos vivenciais. Assim, a aprendizagem torna-se mais concreta e mais significativa.

O professor torna-se motivador do processo de aprendizagem; o estudante precisa ser desafiado a querer entender para compreender e assim aprender, produzir novos conhecimentos, novas aprendizagens, ter autonomia emocional e intelectual para aprender; deve evitar a simples memorização, a “decoreba”; essa prática não leva à aprendizagem significativa. Às vezes, o estudante erra a resposta diante de um problema de cálculo matemático porque ou é incapaz de interpretar e compreender, ou o questionamento foi mal encaminhado pelo professor, pois cada ser humano tem um encaminhamento compreensivo peculiar. O que isso significa?

As maneiras de o professor avaliar os estudantes na educação superior acabam criando uma imagem a respeito do processo de avaliação e, por conseguinte, impactando na formação profissional e cidadã. Cabe a cada professor se autoavaliar: sou professor “decoreba” ou professor que visa a formar um aluno compreensivo?

Assim, segundo Mazur, e em meu entendimento também, o professor da educação superior pode inovar na elaboração de questionamentos e na proposição de atividades para seus estudantes. Ser claro, objetivo, desafiador. Não agir de maneira tradicional: falar ou apresentar conteúdos enciclopédicos diante dos seus alunos. Não há princípios básicos de compreensão comuns a todos os estudantes. Cada estudante pensa e compreende do seu jeito. O raciocínio o conduz à compreensão.

Dessa maneira, cabe ao professor o papel de mediador na busca da construção de novos conhecimentos e aprendizagens. O conceito da proposta metodológica de interação mediada na sala de aula é relevante no contexto da educação superior.

A atividade didática tem sua justificativa e seu sentido na construção do conhecimento. A aprendizagem entendida como construção do conhecimento exige compreender sua dimensão como um produto e o caminho que o aluno deverá percorrer para elaborar os conhecimentos, como um processo. Desse modo, o aluno deve ser protagonista, o ator envolvido em sua própria construção, ao passo que a didática deve cumprir a função de construir o limite para que a atividade mental dos alunos ocorra em determinado nível e a função de facilitar que esta última seja orientada no sentido de alcançar os objetivos educativos no desenvolvimento de capacidades. (TÉBAR, 2011, p. 139)

Questiono: o estudante sentado à frente do professor está preparado para construir conhecimento ou apenas assimilar e reproduzir em “avaliações” que visam provar ou atribuir notas? Tébar (2011) apresenta a atividade didática baseada no construtivismo, paradigma inspirador que trouxe mudanças significativas na pedagogia.

Portanto, problematização no sentido construtivista é a palavra-chave no processo de aprendizagem na educação superior. Há desempenho convencional e desempenho conceitual por parte dos estudantes. As questões e discussões propostas pelos professores devem ser conceituais e menos convencionais, menos conteudísticas. Os estudantes decoram fórmulas para aplicar aos problemas apresentados sem conceitualizá-los. Não basta apenas memorizar. O estudante precisa compreender. E para compreender, a melhor estratégia é socializar conhecimentos.

Interagir com os colegas para a resolução dos problemas e a construção de conhecimentos torna-se uma boa alternativa metodológica para compartilhar experiências entre os estudantes, sem a interferência única e direta do professor. Pares iguais, com os mesmos interesses de aprendizagem, têm maior probabilidade de convencer seus pares com menor capacidade de compreensão, afirma Mazur. Quem conhece determinado conteúdo ou assunto tende a ser mais incisivo com seus colegas, conduzindo-os à aprendizagem. Nem sempre o professor sozinho consegue essa façanha.

Há, segundo Mazur, uma espécie de “maldição” do conhecimento: quanto mais você sabe sobre o assunto, mais difícil torna-se a transmissão do conhecimento. Fica mais difícil para o estudante assimilar a linguagem do *expert* professor. A proposta PI de Mazur visa dar aos estudantes maior responsabilidade para transmitir informações, ajudando estudantes em pares ou grupos de estudos a assimilar melhor os conhecimentos, conceitualizando os conteúdos em situações concretas.

O método *peer instruction* passa por questionamento, pensamento, respostas individuais, discussão entre pares, segunda resposta e, em seguida, a explanação do professor. Para monitorar as respostas dos estudantes, Mazur utiliza um *clicker* conectado ao seu computador, podendo acompanhar as respostas individuais ou em grupo e pensar quais os melhores encaminhamentos para explicar a respeito do problema apresentado aos estudantes. Após detectar quais são as eventuais dificuldades de conceitualização pelos estudantes é que pode ocorrer a intervenção do

professor. Nesse momento, o professor é mediador do processo de aprendizagem. PI é, assim, um processo de interação que exige a participação ativa dos estudantes. O papel do professor é mediar o processo de aprendizagem. O estudante (auto)avalia sua aprendizagem.

Inovar também pode significar errar, arriscar. Pelo erro em sala de aula o estudante pode ter *feedback* quanto ao seu aprendizado, aprender com fracassos, não apenas “regurgitar” em testes orais ou escritos os conteúdos de forma aleatória, sem compreensão nem contextualização. PI é um método que visa à resolução de problemas levando em consideração o raciocínio e não a simples memorização. Resolução de problemas em pares; interação entre estudantes. Não aprendemos a tocar piano apenas observando um pianista tocar! Um estudante não aprende apenas ouvindo seu professor falar. Preciso é repensar a maneira de ensinar e de avaliar os estudantes da educação superior.

As contribuições de Mazur e seu grupo são interessantes porque evidenciam que os estudantes tornam-se mais ativos no processo de aprendizagem; o professor deixa de ser mero expositor de conteúdos para ser o mediador do processo de ensino e aprendizagem. Partindo de problematizações, os estudantes em pares podem buscar a resolução do problema e, assim, aprender de forma significativa, numa prática contextualizada.

A segunda metodologia que apresento neste ensaio diz respeito à pesquisa da qualidade da aula. John Elliot<sup>2</sup>, professor emérito no Centro de Pesquisas Aplicadas em Educação (CARE) junto à Universidade East Anglia, no Reino Unido, fala sobre aspectos relativos a *Lesson Studies* (pesquisa sobre aula) que, segundo ele, têm contribuído para ampliar a qualidade do aprendizado em sala de aula. Segundo Elliot, *Lesson Studies* tiveram início no Japão. Em muitos outros países orientais os professores reúnem-se para construir coletivamente projetos de aulas, sendo acompanhados por outros professores universitários de áreas afins.

Os estudos das aulas são experimentos pedagógicos ou pesquisa-ação. Os professores preparam e apresentam as aulas ao grupo, avaliam e planejam as aulas, observam e, depois, reúnem-se para analisar e aprimorar o planejamento coletivo. Há uma sala para a gravação das aulas, para análise e aprimoramento coletivo; duas ou três sessões de planejamento, sendo

---

<sup>2</sup> John Elliot aborda aspectos relativos a *Lesson Studies*. Disponível em <http://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2012/05/16/john-elliott-aborda-aspectosrelativos-%C3%A0-lesson-studies> Acesso em 16 maio 2012.



posteriormente disponibilizadas num portal para todos os professores. As aulas ficam disponíveis na *net* para outro professor aplicar e avaliar sua própria prática. Há uma pesquisa coletiva realizada por professores sobre como ensinar alguns conceitos e conteúdos de forma excelente. Há variações de estudos dessas aulas. As aulas são planejadas, redesenhadas e os demais grupos observam. O estudo da aula continua num segundo encontro coletivo para avaliar e analisar as observações, considerando também as opiniões dos estudantes. A aula é redesenhada uma terceira vez. Outro professor desenvolve essa aula. O ciclo continua até que um quarto ou quinto professor ministre a aula em outro ciclo.

O estudo das aulas foi conduzido dessa maneira nos principais centros do Japão; pesquisadores promoveram grandes reformas nos currículos para garantir a qualidade e o grau de cientificidade das aulas; em muitos países, há grupos de estudos sobre a qualidade das aulas; há eventos para discutir pesquisas sobre os estudos da didática das aulas.

Na tradição ocidental, em que o professor decide sozinho o desenho de sua aula, há limitações. Em grupos há maior integração e troca de experiências para aprimorar as competências individuais. Professores no mundo devem compartilhar experiências didáticas sobre as aulas que ministram.

O que começa a acontecer no mundo, segundo Eliot, é que gradualmente professores e estudantes estão identificando tópicos, conceitos que são difíceis de ensinar e de aprender. Os professores, em vários países, estão começando a identificar os conceitos matemáticos, por exemplo, que os professores continuamente acham difíceis de ensinar. Por exemplo, frações. O desejo é, por meio do estudo da aula, construir conhecimentos profissionais de como ensinar tópicos e conceitos que foram comprovadamente difíceis no passado. Nunca há fim nesse processo, pois os professores são continuamente convidados a pegar estudos de aulas do passado e testar em sala de aula na atualidade; eles podem desenvolver e aprimorar as aulas num processo cumulativo visando ao domínio teórico-metodológico e à consolidação do conhecimento pedagógico de como ensinar bem.

E como está sendo feito nas IES brasileiras? Há necessidade de estudos sobre aulas a respeito de assuntos complexos, habilidades de leitura, habilidades de compreensão, construtos científicos, estudos sobre aspectos históricos tal como a Guerra das Malvinas, por exemplo,

assunto muito controverso e histórico. Como os professores trataram esse assunto na época e agora no Brasil? Como desenvolveram aulas na Argentina sobre esse tema? Bons estudos a respeito de aulas podem contribuir para a formação permanente do professor. O assunto pode ser abordado em perspectivas múltiplas e interdisciplinares.

Até que ponto as pessoas são influenciadas pelas evidências factuais? Há desacordos e conflitos na pedagogia a respeito do conceito de aula. O que seria uma boa aula? Quando pares docentes e discentes sentam e avaliam uma aula, os interesses científicos e pedagógicos são explicitados e num momento de conversa podem ser delineados os pontos críticos, positivos e negativos, para aprimorar a aula e, conseqüentemente, a aprendizagem em aula e a prática-ação docente. Cada aula deve ser tratada como um acontecimento jamais repetível sob o ponto de vista da oportunidade para a construção de conhecimentos. Os sujeitos sociais – professor e estudantes – podem ser os mesmos, a sala de aula pode ser a mesma, os assuntos também. Mas cada aula é um novo acontecimento, porque a interação social e os processos de compreensão e construção de conhecimentos são jamais repetíveis sob o ponto de vista linguístico e dialógico. (GERALDI, 2010)

O professor precisa aceitar a crítica positiva ou negativa a respeito da qualidade de sua aula. No Japão e em Singapura, segundo Elliot, há uma cultura coletiva de compartilhar experiências e conhecimentos. Uma cultura comum à sala de aula. Não preocupa o professor toda a parafernália da sala para gravar uma aula e ser avaliador.

Na Inglaterra, segundo Eliot, há alguma resistência, pois não há uma cultura de sala de aula de portas abertas para a filmagem. Há necessidade de mudança de paradigmas na formação e na cultura do professor. Estudos apontam que muitas aulas são bastante centradas na figura do professor.

Diferenças de opinião e de interpretação a respeito da aula são permitidas na discussão a respeito da qualidade do ensino. Este seria um bom papel para os Núcleos Docentes Estruturantes implantados por força da Lei do SINAES – Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior.

Professores podem expressar diferentes pontos de vista de como melhorar e qualificar a aula. O que caracteriza a cultura plural é a ênfase na harmonização das perspectivas e pontos de

vista individuais; deve haver tentativas para reduzir conflitos e opiniões pela harmonização de diferentes perspectivas, numa perspectiva mais holística. O que é interessante nesse tipo de pesquisa é a possibilidade de adaptar novos elementos de cultura para pensar a aula em grupo de forma dialógica.

Na cultura oriental, as aulas planejadas em grupo são comuns e bem aceitas. No mundo ocidental, as aulas são planejadas individualmente pelo professor. Poderíamos construir no sistema educacional universitário brasileiro uma cultura diferente visando a evitar o fracasso na compreensão e aprendizagem dos estudantes? Se o professor não entender os diferentes modos de o aluno aprender não será capaz de discernir os aspectos críticos necessários para melhorar a compreensão dos estudantes.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS E DESAFIADORAS**

Enfim, o cenário atual exige inovação na sala de aula. Nos exemplos de metodologias apresentados acima, os dois principais sujeitos da interação em sala de aula são os professores e seus estudantes agindo de maneira proativa.

A inovação disruptiva, teorizada por Christensen (2011), apresenta soluções mais eficientes que as existentes até o momento nas IES; a inovação proporciona a ruptura de um antigo modelo de ensino e altera as bases tradicionais da didática conduzindo para novas maneiras de aprender; enfim, um sistema de aprendizagem centrado no estudante.

Como apresentei neste ensaio, há alguns desafios que precisam ser superados pelas IES:

a) mudança de paradigma do papel do professor em sala de aula; deixar de ser transmissor de conhecimentos para ser agente de interação, provocador de reflexões e facilitador da interação entre pares visando à construção de conhecimentos;

b) a cultura do estudante deve mudar; ele deve deixar de ser mero espectador para tornar-se agente do processo de aprendizagem; senso crítico, dedicação e postura intelectual por parte do estudante são necessários para que as aulas e as atividades nas IES tornem-se mais significativas e embasadas cientificamente;

c) currículos mais flexíveis, com menos conteúdos e mais atividades práticas, projetos, experimentos, atividades em grupos e estudos de casos;

d) perfil de egresso sintonizado com o mundo da empregabilidade e não apenas com as necessidades do mercado de trabalho ou de uma profissão específica;

e) Núcleos Docentes Estruturantes atuantes e sintonizados com as mudanças e tendências globais da educação superior, com atenção maior às habilidades e aprendizagens necessárias para atender ao perfil de egresso.

Neste ensaio, procurei refletir a respeito do ensino que acredito deva ser implementado na Educação Superior, ensino esse centrado na formação intelectual do estudante, de maneira autônoma, menos enraizado em conteúdos e mais voltado ao desenvolvimento de habilidades; ensino com inovação metodológica e aprendizagens significativas sustentadas no compromisso de formar cidadãos e profissionais com perfis diferenciados.

Ensino que propicie um novo paradigma centrado na descoberta e na exploração; na aprendizagem colaborativa e na investigação fundamentada pela realidade social. Uma educação superior holística, histórica e contextualizada. (ANASTASIOU, 2005)

## REFERÊNCIAS

ANASTASIOU, L. **Processos de ensinagem na universidade: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula**. Joinville, SC: UNIVILLE, 2005.

CHRISTENSEN, C.M. **Inovação na sala de aula: como a inovação disruptiva muda a forma de aprender**. Porto Alegre: Bookman, 2012.

GERALDI, J.W. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro & João editores, 2010.

HUSTON, T. *Teaching what you don't know*. Cambridge: Harvard University Press, 2009.

TÉBAR, L. **O perfil do professor mediador: pedagogia da mediação**. São Paulo: SENAC, 2011.